

013

014

015

016



5

[INTRODUÇÃO]

Le Corbusier dá-nos alguns sinais de que o que se encontra sobre o volume correspondente aos apartamentos da Unidade de Habitação de Marselha apresenta para ele uma grande relevância. Escreve *Les maternelles vous parlent*, em que centraliza a sua reflexão nas coberturas das unidades de Marselha e de Rézé-lès-Nantes. Aí faz publicar, assim como em *Œuvre complète*, uma imagem inusitada, em que representa o volume paralelepipedico que corresponde ao conjunto dos apartamentos da Unidade de Habitação de Marselha, como pouco mais que uma mancha branca, como uma base cuja única função e interesse é a de suportar os objectos que lhe são colocados em cima [Fig. I].¹

Tal como Le Corbusier o fez na altura da elaboração desta imagem, esta tese de doutoramento apresenta a cobertura como o objecto capital da composição, personagem principal a partir do qual se formula uma Pergunta – a mesma que Le Corbusier colocava na altura da elaboração deste *toit-terrasse* exemplar –: a Pergunta pelo Lugar Público, de congregação e consagração de um colectivo. Este é um tema que apresenta, nos nossos dias, uma grande vigência, sempre que se procura definir uma ideia de lugar público que se adequa à sociedade actual, e que nos deparamos com as dificuldades que tal implica.

Se o urbanismo moderno, em geral, e o de Le Corbusier, em particular, foi sobretudo analisado desde o ponto de vista organizacional – enfatizando-se o seu carácter de gestor técnico da vida quotidiana –, esta dissertação baseia-se, pelo contrário, na

análise de um lugar onde não predomina uma concepção de eficiência, mas uma ideia de manifestação e expressão do espírito de uma comunidade.

O espaço criado sobre a última laje dos edifícios de habitação colectiva de Le Corbusier já se tinha tornado, nos anos 30 – pouco tempo depois da consagração do *toit-jardin* como um dos «5 pontos de uma nova arquitectura»² –, um novo território para o urbanista, comparável ao espaço público ao nível do solo da cidade corbusiana da época. No projecto teórico da Ville Radieuse, tanto o território sobre os edifícios de habitação colectiva, como o território ao nível do solo, eram vistos como plataformas de vocação infinita, sem princípio nem fim, no entanto, absolutamente independentes entre si, a cotas distintas. Os dois planos eram entendidos como territórios ideais, cobertos por um estrato vegetal, sobre os quais se encontravam uma série de elementos, independentes e distanciados entre si, «à reaction poétique», que constituíam um complemento do bloco habitacional – de tipo escolar, sanitário, recreativo e comercial. Já em 1930, Le Corbusier afirmara: «le toit plat fournit de nouvelles surfaces circulables à l’urbaniste».³ Durante a elaboração da Unidade de Habitação de Marselha, encontramos uma situação análoga.

Le Corbusier iniciou o seu projecto em Agosto de 1945 – enquanto reabria o seu atelier da Rue de Sévres depois de um período de abandono involuntário devido à guerra –, e inaugurou o edifício em Outubro de 1952 – depois de, utilizando o seu modelo, ter realizado vários projectos urbanísticos para a reconstrução de França. Se apelidou o centro cívico, o lugar público por excelência da cidade corbusiana desta época, de «centro», este lugar seria seguramente o maior em dimensão, aquele que foi desenhado à escala do conjunto urbano, mas não seria o único espaço da cidade dedicado ao que incorpora o adjectivo «cívico». Se, no projecto para a Ville Radieuse, a cidade era desierarquizada, e os seus edifícios de habitação colectiva não tinham princípio nem fim, o mesmo acontecendo com os seus *toit-terrasses*, na cidade corbusiana do período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial, que é uma cidade igualmente sem limites, os *toit-terrasses* das suas unidades de

1. Le Corbusier et Pierre Jeanneret, *Œuvre complète 1938-1946*. Zürich: Girsberger, 1946, p. 185; Le Corbusier, *Les maternelles vous parlent*, n.º3 de Les Carnets de la recherche patiente. Stuttgart: Verlag Gerd Hatje, 1968, p. 18.

2. O *toit-jardin* foi consagrado como o segundo de cinco pontos para uma nova arquitectura em “Les 5 points d’une architecture nouvelle” - texto escrito por Le Corbusier em 1927, aquando da exposição Weissenhof, sobre habitação, em Estugarda: Le Corbusier, “Fünf Punkte zu einer neuen Architektur”, in *Zwei Wohnhäuser von Le Corbusier und Pierre Jeanneret*. Stuttgart : Akad. Verlag Dr. Fr. Wedekind, 1927, pp. 5-7 (também publicado em *Die Form*, vol. 2, 1927).

3. «A cobertura plana oferece novas superfícies circuláveis ao urbanista.» Le Corbusier, *La Ville radieuse*. Boulogne: Éditions de l’Architecture d’aujourd’hui, 1935, p. 21.

Radieuse, a cidade era desierarquizada, e os seus edifícios de habitação colectiva não tinham princípio nem fim, o mesmo acontecendo com os seus *toit-terrasses*, na cidade corbusiana do período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial, que é uma cidade igualmente sem limites, os *toit-terrasses* das suas unidades de habitação não contêm uma réplica desta noção de infinito, mas sim das noções inerentes ao centro cívico – e, por consequência, do conceito de centro da vida pública de uma comunidade. O topo da unidade de habitação não constitui apenas um espaço da influência do centro cívico, como o é o restante território ao nível do solo da zona habitacional, mas uma entidade que multiplica este lugar público pelo número de unidades de habitação que constituem o plano urbanístico.

O *toit-terrasse* da unidade de habitação, até agora praticamente ignorado sempre que se trata de analisar o espaço público de Le Corbusier, revela-se um elemento capital para a compreensão da urbanística corbusiana. A partir da sua análise, surge então uma conjectura.

A edificação de um lugar público, de reunião e representação de um conjunto, é uma preocupação transversal à história da humanidade. É a demonstração da necessidade do homem de constituir o centro da vida pública da colectividade a que pertence, assim como da necessidade de conferir identidade ao conjunto urbano onde habita. No entanto, constatamos que é habitual, a ideia de que existe uma «ruptura em relação à história» nos lugares públicos das cidades de Le Corbusier, de que os seus espaços de congregação preconizam uma separação entre o seu tempo e a experiência precedente, e que em nada se assemelham aos lugares públicos que até então se realizaram. É frequente a ideia de que Le Corbusier possui uma concepção diacrónica da história dos lugares públicos da nossa civilização, e de que

os espaços que cumpriam uma função semelhante em outros tempos são por ele considerados ultrapassados e superados, obsoletos – incapazes de oferecer-lhe, para além da sua condição de lugar histórico, dados operativos relativamente à resolução do problema da criação de um lugar de congregação adequado ao seu tempo. Estas crenças são alimentadas, por um lado, pela interpretação deficiente de algumas observações do próprio Le Corbusier – sendo que nos seus escritos proliferam palavras de ordem que turvam qualquer evocação do passado, como «civilisation machiniste», «l'esprit nouveau», «l'architecture de demain» –, e, por outro, pelo obscurecimento das referências paradigmáticas da estrutura compositiva dos seus lugares públicos, através da evidência ofuscante do seu carácter inovador. Desembaraçando-nos de um enredado de ideias preconcebidas, sobre as quais se construiu uma ideia pouco objectiva de modernidade, apercebemo-nos, através de uma investigação que tem como base a análise da concepção do *toit-terrasse* da Unidade de Habitação de Marselha, que o lugar público de congregação corbusiano do período imediatamente subsequente à Segunda Grande Guerra não só não estabelece uma cisão com o passado histórico, como constitui, ele próprio, o testemunho da inabalável continuidade da criação humana ao longo de todos os tempos.

Demonstrá-lo, é o objectivo desta dissertação.

MATERIAIS E MÉTODOS

Uma parte significativa dos desenhos de projecto, do atelier de Le Corbusier, foi publicada pela editorial Codex Images, na edição *Le Corbusier Plans*. Uma parte dos seus desenhos de viagem foi publicada pela editorial Electa, nas edições *Voyage d'Allemagne: carnets*, *Voyage d'Orient: carnets* e *Le Corbusier: carnets*. Estas fontes, acompanhadas pelas obras e artigos escritos e publicados por Le Corbusier, formaram a primeira base documental da pesquisa.

No decorrer do trabalho, foram realizadas várias investigações nos Arquivos da Fondation Le Corbusier em Paris – onde se encontra actualmente a maior parte dos

acompanhadas pelas obras e artigos escritos e publicados por Le Corbusier, formaram a primeira base documental da pesquisa.

No decorrer do trabalho, foram realizadas várias investigações nos Arquivos da Fondation Le Corbusier em Paris – onde se encontra actualmente a maior parte dos documentos e objectos que Le Corbusier possuiu em vida. Estes períodos de pesquisa em contacto com as fontes primárias, revelaram-se absolutamente fundamentais para a confirmação ou refutação de hipóteses levantadas no decorrer do trabalho, assim como para a formulação de novas conjecturas – através da consulta de desenhos, fotografias, maquetas, correspondência e agendas do atelier, assim como textos e desenhos do autor, correspondência e biblioteca pessoais, filmes da época (documentos, em grande parte, inéditos até à data). Foram também consultadas as bibliotecas onde Charles-Edouard Jeanneret desenvolveu alguns dos seus estudos, sobretudo durante os seus anos de aprendizagem – a Bibliothèque Sainte-Geneviève e a Bibliothèque Nationale de France –, foi realizada uma visita à Unidade de Habitação de Marselha e a várias outras obras de Le Corbusier, e tornou-se também muito importante a realização de entrevistas, a dois colaboradores em projectos de Le Corbusier – o arquitecto e artista Nadir Afonso, que trabalhou no atelier da Rue de Sèvres no período imediatamente ulterior à Segunda Grande Guerra, e o arquitecto e urbanista Fernão Simões de Carvalho, que colaborou com Wogenscky durante os anos 50.⁴

Ao contrário de outras investigações, a hipótese colocada não surgiu no início da pesquisa. De facto, a hipótese que a dissertação propõe não constitui uma suspeita baseada numa mera intuição, elaborada à partida, um prejuízo que condiciona toda a investigação e apenas a faz chegar à conclusão previamente anunciada. Ela surgiu após uma cuidada e demorada análise do material que me predispus tratar, relativo à

concepção do *toit-terrasse* da Unidade de Habitação de Marselha. A intenção foi a de, tanto quanto possível, reconstruir o processo do seu desenho, no atelier da Rue de Sèvres, e restabelecer o argumento interno, intrínseco à concepção do espaço, no contexto do projecto e do conjunto de projectos que se encontravam sobre os estiradores e nos arquivos do atelier. Partiu-se da observação dos fenómenos da realidade concreta para deles se extrair, através da inferência, de um método indutivo, a lei que incorporavam. Foram os próprios desenhos e maquetas, deste e de outros projectos de Le Corbusier, que foram dando pistas, assim como os registos das suas viagens e investigações, verdadeiros indícios dos elementos que ele poderá ter visto ou recordado no momento de projectar. A partir de aí, foi percorrido um caminho dedutivo até se chegar à hipótese e, simultaneamente, à sua confirmação, ou seja, a uma conclusão que partiu de um olhar absolutamente descomprometido relativamente ao objecto de estudo. A obra de Le Corbusier constitui assim, verdadeiramente, a validação última de qualquer conclusão, porque está genuinamente na sua origem.

A COBERTURA DA *UNITÉ D'HABITATION* DE MARSELHA E A PERGUNTA DE LE CORBUSIER PELO LUGAR PÚBLICO



